

Como fazer um telejornal universitário em rede na pandemia: O caso do ESPM no Ar

Heidy Vargas¹
Leandro Olegário²

Resumo

O presente artigo mapeia elementos da produção laboratorial do telejornal *ESPM no Ar* realizado pela ESPM/SP durante o período da pandemia do novo coronavírus. O contexto do ensino remoto promoveu o trabalho integrado de disciplinas dos cursos de Jornalismo de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro em um programa exibido ao vivo. Adota-se como metodologia o estudo de caso a fim de observar aspectos da construção do produto audiovisual informativo à luz das transformações tensionadas pela tecnologia e convergência midiática. Identifica-se alterações na rotina produtiva e mudanças na relação de aprendizagem professor-aluno diante do cenário de distanciamento social e aulas totalmente online.

1

Palavras-chave: Comunicação. Telejornalismo. Ensino. Convergência digital. ESPM no Ar.

How to make a university newscast in the pandemic: The case of ESPM no Ar

Abstract

This article maps elements of laboratory production of the *ESPM no Ar* newscast conducted by ESPM / SP during the pandemic period of the new coronavirus. The context of remote education promoted the integrated work of subjects from the Journalism courses in São Paulo, Porto Alegre and Rio de Janeiro in a program

¹ Professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP na disciplina *Produção e Edição de Jornalismo Audiovisual II, Documentário em Vídeo* e orientadora de *Projetos de Gradação em Jornalismo (PGJ I e II)*. É doutoranda em Comunicação e Práticas do Consumo na mesma instituição. E-mail: heidy.vargas@espm.br.

² Jornalista, doutor e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. Pesquisador dos Grupos do CNPq 'Televisão e Audiência' e 'Teoria e Prática no Jornalismo'. É supervisor e professor do curso de Jornalismo da ESPM Porto Alegre, onde ministra, entre outras, a disciplina *Produção Audiovisual em Jornalismo I*. E-mail: leandro.olegario@espm.br

shown live. The case study is adopted as methodology in order to observe aspects of the construction of the informative audiovisual product in the light of the changes stressed by technology and media convergence. Changes in the production routine and changes in the teacher-student learning relationship are identified in the face of the social distance and entirely online classes.

Keywords: Communication. Telejournalism. Teaching. Digital convergence. ESPM in the Air.

Introdução

O discente de Jornalismo no século 21 tem sido protagonista de experimentações na narrativa, na produção de notícias e na interação com a audiência em todas as mídias que vivencia. O jornalismo pós-industrial revelou novas formas de participação social e inovação na tecnologia, tais mudanças têm provocado uma ruptura nos modelos e padrões já conhecidos. No caso do audiovisual, tanto o mercado como a academia trabalhavam em uma estrutura pré-estabelecida cercada de padrões estéticos, textuais, de rotinas e de produção sólidas, formatadas. Hoje, este mesmo aluno vive na cultura da convergência, um momento em que o antigo e o moderno se encontram, ou seja, as velhas e novas mídias se interagem revelando no mesmo espaço o poder do consumidor e do produtor da mídia (JENKINS, 2008). O acesso aos dispositivos móveis (*smartphones* e tabelas), a crescente utilização das redes sociais e as novas tecnologias têm feito a informação circular por diferentes públicos e suportes. Tal contexto modifica a organização do trabalho, a produção das notícias, a narrativa e exige um novo profissional conectado com o ambiente digital, com consciência crítica e preparado para produzir de forma heterogênea. Como sustenta Jenkins (2008), os receptores, antes considerados, muitas vezes, apenas como consumidores passivos, previsíveis, estáveis e até leais a algumas empresas, agora, devem ser pensados como usuários ativos, migratórios, conectados socialmente e, por isso mesmo, receptores barulhentos. Nesse sentido, Finger (2013) vai observar esse quadro diante do telejornalismo e o consumo de informação pelos dispositivos móveis:

O grande desafio, agora, são os paradigmas de articulação da TV com as mídias interativas; a interação do produtor com o receptor; a interação do receptor com outros receptores; a adoção de uma

linguagem multimídia, transversal e com a colaboração do usuário. A narrativa transmidiática, ainda em compasso de espera, precisa ser experimentada com urgência. O celular já é o principal dispositivo de interação com a internet e outras telas, inclusive nas redes sociais, o que deve ser levado em consideração nos novos produtos audiovisuais. (FINGER, 2013, p. 14)

Desse modo, emerge um novo comportamento da audiência – que também está na universidade, provocando um repensar na prática pedagógica audiovisual em sala de aula, em especial, ao estudante de jornalismo. Assim, para entender o processo contemporâneo de produção de sentidos no telejornalismo laboratorial é preciso levar em consideração a correlação entre a prática jornalística e o contexto histórico e sociocultural. Aqui adotamos a terminologia de Manuel Castells (2020) a Sociedade em Rede ou Sociedade da Informação, que aponta para uma nova dinâmica instaurada na sociedade que tende a flexibilizar os processos e sistemas diante de um novo ambiente tecnológico e de novas estruturas econômicas voltadas para a ação das redes:

Portanto, a nova sociedade emergente desse processo de transformação é capitalista e, também, informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional. (CASTELLS, 2020, p. 43)

3

Dessa maneira, o momento é da passagem entre o moderno/sociedade industrial e a sociedade em rede/informação e a transição vivida se apresenta repleta de tensões e embates diante dos modos de se fazer jornalismo moderno e o fazer jornalístico em rede.

Diante do contexto, cabe observar que Fabiana Piccinin (2008) destaca-nos o processo de transição que o telejornalismo vive um momento de “hibridização” das práticas e fazeres entre as experiências de um jornalismo moderno e fordista, para um jornalismo em rede. Para Piccinin, é condição de existência a negociação entre a formatação e o contexto, pois são novas rotinas. “Por isso, aos poucos, uma série de características associadas às práticas conectivas da sociedade em rede vai produzindo novas formas operativas em associação à estrutura analógica, vertical e centralizada da Modernidade” (2008, p.23).

Na sala de aula, prepara-se o aluno para trabalhar no mercado tradicional, como a televisão aberta e à cabo, tanto para outros espaços como sites, aplicativos e ou redes sociais. Desta forma, as atividades práticas devem não só trabalhar com referências históricas e teóricas do audiovisual televisivo tradicional, mas incluir nos projetos questões

referentes à comunicação jornalística em diferentes meios e suportes para gerar uma expansão da atuação do jornalista. Se o processo de comunicação se caracteriza pela troca informação, destaca-se o fato de que o que mudou foi a relação que o espectador tem com a televisão e, portanto, novas características surgem como o consumo *on demand*, as centenas de canais no *YouTube*, o acesso aos arquivos das televisões abertas, a possibilidade de consumir onde e quando quiser. Scolari (2004) propôs olharmos o caminho da hipertelevisão, uma televisão mais fluída e permeável. A televisão que na década de 1950 ocupava um lugar nobre na sala de visita, passa para o quarto em 1980 e agora flui em diversas plataformas digitais.

Neste cenário de grandes transformações nas rotinas da produção e no consumo, as produções universitárias audiovisuais têm que se pautar pelo experimentalismo e por um estudo crítico dos meios e mediações que a comunicação estabelece como desafio. Portanto, os telejornais universitários podem ser vistos como espaços criativos para experiências sejam elas de ruptura ou até mesmo de adaptação de modelos consagrados pelo mercado. É, também, um território do fazer jornalístico sem pressão comercial, ausência de busca incessante por elevados índices de audiência ou cerceamento editorial e, por isso, deve abrir oportunidades para a proposição de conteúdos diversos sujeitos a êxitos e a tropeços, com a supervisão docente ancorando a jornada discente no processo.

A partir de autores, conceitos e cenários presentes no texto, destaca-se que o artigo tem por objetivo principal mapear elementos da produção laboratorial do telejornal *ESPM no Ar*, um programa que se torna objeto desta análise e detalhado ao longo deste estudo. Para esta pesquisa empírica, que envolveu a prática do ensino remoto promovida pelo trabalho integrado de disciplinas dos cursos de Jornalismo de São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro da ESPM, adota-se como metodologia o estudo de caso. De acordo com Gil (2002), as principais vantagens de sua aplicabilidade são: o estímulo a novas descobertas, a ênfase na totalidade e a simplicidade dos procedimentos. Gil (2002, p. 140) explica ainda que “nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos”. Com isso, o que se pretende é observar aspectos na construção do produto audiovisual informativo e refletir acerca de mudanças na relação de aprendizagem professor-aluno.

O ESPM no Ar

Para formar um jornalista ambientado ao novo perfil da convergência midiática, a disciplina de *Produção e Edição de Jornalismo Audiovisual II* traz o desafio de realizar de duas a três edições do telejornal laboratório *ESPM no Ar* por semestre. É neste momento que o aluno experimenta o fazer jornalístico no audiovisual em sua totalidade de formatos e narrativas e é estimulado a inovar diante da leitura de textos, análise das produções do mercado e a observação de como o consumo midiático atua.

Outro aspecto relevante é que na ESPM os docentes são estimulados a utilizar na sala de aula metodologias ativas, o que constituem ações que reconhecem os alunos como sujeito desse processo e requerem a sua mobilização e comprometimento com as atividades da disciplina, para que o sujeito seja transformado pelo objeto sobre o qual age. Assim, estabelece-se estratégias de ensino-aprendizagem baseada na descoberta diante da problematização de uma situação, denominada de Aprendizagem Baseada em Problemas, ou como a que desenvolve projetos para a construção de conhecimentos, conhecida como Aprendizagem Baseada em Projetos, APB (NOVAK; GOWIN, 1996). Conforme Bender (2014), APB requer que os professores sejam facilitadores e orientadores educacionais à medida que os estudantes avancem em suas atividades do projeto:

É um modelo de ensino que consiste em permitir que os alunos confrontem as questões e os problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-los e, então, agindo cooperativamente em busca de soluções. (BENDER, 2014, p. 9)

Com base nesta diretriz pedagógica, criou-se o telejornal *ESPM no Ar*. Um programa jornalístico ao vivo e feito integralmente pelos alunos. Ele é produzido desde 2014 e já tem publicadas 27 edições no Portal de Jornalismo³. O *ESPM no Ar* é um telejornal realizado ao vivo e diferencia-se pelo caráter híbrido de um jornalismo que está sendo produzido no contexto da transição narrativa. Com a situação sem precedentes da pandemia, esta atividade ganhou importância não só pelo desafio de se fazer um telejornal *on-line*, mas também pelas aulas à distância que transformaram o aluno em um protagonista dentro da sala de aula para que o aprendizado se efetivasse no fazer.

Antes de realizar o telejornal, o aluno percorreu um caminho metodológico que inicia com a análise de produções jornalísticas para a televisão aberta, uma análise da história do telejornal brasileiro e termina analisando casos de comunicação feitos para a

³ Disponível: <https://jornalismosp.espm.edu.br/category/videos/espm-no-ar/page/3/>

internet e redes sociais, além de exercitar a gramática da construção de sentidos no telejornalismo. São estes processos históricos e de contingência que produzem alterações nos modos de sentir e perceber em diferentes formas as produções culturais. Ao final deste percurso, o aluno foi convidado a produzir o telejornal *ESPM no Ar* a partir das mudanças narrativas estudadas, pois construir os sentidos de um telejornal é antes de tudo evidenciar as marcas de um tempo presente e é neste encontro de tendências entre o antigo e o novo, o moderno e o contemporâneo, que reside a experimentação. O que acredita-se é que o aluno, depois desta trajetória, saiba como contar uma história adaptada à linguagem audiovisual (reportagem), que experimente os diferentes formatos de notícia (nota coberta, nota simples, lapada⁴, *link*⁵, giro de notícias⁶, coluna⁷, entrevistas, debates, fóruns, boletim⁸), que compreenda a construção de um produto jornalístico com as bases da produção de sentidos da televisão, mas crie produtos para a internet e redes sociais. Então, se faz necessário entender o que é um telejornal universitário e para isso Antônio Brasil e Cárilda Emerim (2011) o definem como:

(...) um programa que reúne uma seleção de notícias organizadas em blocos por temas, geralmente exibido com horário, cenários e apresentadores fixos. (...) que reúne notícias que tenham repercussão e abrangência para um público eclético cujas temáticas selecionadas têm o objetivo de resumir os principais fatos e acontecimentos das últimas horas. (BRASIL; EMERIM, 2011, p. 03)

Entende-se que o telejornal hoje precisa ir além do seu produto e dialogar com os espectadores por isso cria-se comunicações para as redes sociais que convocam o internauta a participar com sugestões de pauta e alertam para a exibição do telejornal. Na reunião de pauta, os temas sugeridos pelos alunos e as sugestões dos internautas são debatidos. Escolhidos os temas realizam-se as matérias que variam de 2 a 5 minutos, com caráter atemporal para contextualizam do assunto. As reportagens utilizam som ambiente, infográficos, animações, planos sequências⁹, passagens¹⁰, povo-fala, arte,

⁴ Resumo de fatos acompanhado de um clip de imagens.

⁵ Termo que significa quando o repórter entra ao vivo.

⁶ Termo usado para a reunião de notícias de diferentes lugares.

⁷ Termo usado para identificar um texto opinativo dentro do telejornal.

⁸ Termo usando para definir a gravação do repórter transmitindo a notícia no local dos fatos.

⁹ Um único plano com diversos enquadramentos.

¹⁰ Dispositivo em que o repórter aparece na notícia.

sonoras¹¹ e offs¹², dispositivos necessários para se criar uma reportagem em vídeo.

A apresentação ao vivo do *ESPM no Ar* desafia a dupla de alunos/apresentadores a ter controle emocional, consciência corporal, interpretação de texto, equilíbrio e improviso. Tudo isso não só pelos problemas técnicos que possam vir a acontecer, mas pela interação do internauta nas redes sociais durante o telejornal. Este elemento traz um outro aspecto relevante que se deve destacar: é o sentido de conectividade rápida e ramificada da informação. O novo padrão tecnológico da sociedade em rede tende a romper com a rotina linear da circulação da informação e faz com que ela chegue mais rápido ao jornalista. No telejornal, os alunos apresentam o programa, interagem com os entrevistados no estúdio e leem os comentários dos internautas, selecionando os temas de acordo com os critérios de noticiabilidade e respondem às dúvidas. Este exercício exige uma nova sensibilidade e uma rotina operacional diferente do que antes era feito.

A etapa da exibição do telejornal é toda realizada ao vivo via Facebook e Instagram da Agência de Jornalismo ESPM-SP. Os alunos/repórteres entram ao vivo e os fazem pelo celular no local dos fatos o que agrega credibilidade e rapidez ao ritmo do telejornal, colocando-os na situação real de produção, uma marca da sociedade em rede. Tais entradas ao vivo reduzem o tempo entre o fato e a narrativa do fato e operam na lógica da velocidade como sugere *Ciro Marcondes Filho (2002)*. Mas o ritmo contemporâneo da narrativa ao vivo é quebrado, muitas vezes, pelo debate com convidados no estúdio e perguntas dos internautas via redes sociais que questionam os temas ou os seus fazeres.

Neste processo de pautar, captar, editar os VTs, construir um produto jornalístico com diferentes olhares, ouvir o internauta e apresentar ao vivo, os alunos vivenciam a prática complexa do jornalismo audiovisual e ainda podem experimentar montagens criativas e apresentações diferenciadas. Tanto que os alunos invariavelmente sugerem como última experiência um programa especial com um tema único e em profundidade utilizando todos os conceitos e formatos de notícia ditos anteriormente.

Pandemia e a mudança na aprendizagem

No dia 12 de março de 2020 as aulas foram suspensas e o ensino prático do Audiovisual no Jornalismo se tornou um desafio para os docentes, discentes e toda

¹¹ Dispositivo da reportagem que traz a entrevista com personagens ou especialistas.

¹² Dispositivo de um texto coberto com imagens.

comunidade acadêmica (técnicos e a universidade). Durante uma semana, os professores fizeram capacitação no ambiente *on-line* para que as aulas seguissem remotamente e de forma síncrona. O departamento de Tecnologias de Ensino e Aprendizagem e o Núcleo de Inovação Pedagógica criou os cursos de capacitação pedagógica e tecnológica para as aulas EAD.

A práxis precisou ser reavaliada levando em consideração três passos norteadores do trabalho: o primeiro foi refletir criticamente com relação ao contexto histórico-social que nos trouxe até aqui e seus desdobramentos na narrativa; em segundo, superar os desafios tecnológicos e utilizar programas de videoconferência, gravação e edição acessíveis aos alunos, adaptando as imagens até então feitas com equilíbrio e fundamentos técnicos para produções caseiras e polivalente; e por fim, produzir produtos culturais jornalísticos à distância e a altura do momento vivido entendendo que os velhos meios estão presentes nos novos meios (OROZCO, 2014).

Se antes da pandemia o aluno contava com estúdio, TP (*teleprompter*), GCs (gerador de caracteres), câmeras para gravar a reportagem, entrevistava seus convidados ao vivo no estúdio, fazia *link* (ao vivo) no local dos fatos, agora estas atividades foram adaptadas a produção *on-line*. O aluno precisou compreender que o celular podia auxiliá-lo na captura de entrevistas e imagens; que poderia utilizar *softwares* de videoconferência como Zoom e Skype para gravar entrevistas; que as fontes entrevistadas poderiam realizar as imagens e enviá-las; que a edição poderia ser feita em casa com *softwares* como Adobe Premier, Adobe Rush ou iMove (tanto no celular quanto no computador); que poderia apresentar o telejornal de dentro de suas casas e que poderia desenvolver conteúdos específicos para o Portal de Jornalismo¹³, para o *YouTube*¹⁴ e as redes sociais como Facebook¹⁵ e Instagram¹⁶ do curso de Jornalismo com trechos de materiais brutos para divulgar e estimular a audiência a participar. A experiência respondeu às novas necessidades de distanciamento e revelou que um dos conceitos centrais da sociedade em rede é a capacidade de conexão rápida entre os atores envolvidos, assim a produção colaborativa entre os alunos e professor aconteceu.

O telejornal *ESPM no Ar* inovou e exibiu três telejornais ao vivo sendo que o último ousou quando uniu as produções de telejornalismo dos três cursos nos campi da ESPM

¹³ Disponível em: <https://jornalismosp.espm.edu.br/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/JornalismoESPMSP>

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/agenciadejornalismo>

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/agenciaespm/>

em São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro em um só telejornal em rede, expandindo a rede colaborativa. Para tanto, as temáticas das produções audiovisuais também focaram no assunto sobre a pandemia do coronavírus. As pautas foram sobre as aulas remotas no ensino fundamental, a situação dos pequenos comerciantes, a adaptação dos restaurantes para entregas em domicílio, os grupos que doavam cestas básicas, a rotina dos médicos diante da pandemia, a vida de brasileiros no exterior entre outras. Todas as reportagens foram feitas à distância, ganharam entrevistas via sites de videoconferência e as imagens, em parte, foram feitas pelos entrevistados. Abaixo tem-se um modelo resumido do espelho do telejornal, que contou no intervalo (*break*) com comerciais produzidos pelos alunos do curso de Publicidade e Propaganda da instituição em São Paulo antes da pandemia.

Quadro 1 - Resumo do espelho *ESPM no Ar*

RETRANCA	FORMATO
ESCALADA	--
SITUAÇÃO/SP	LINK
EDUCAÇÃO/ COSTIN	VT
COMÉRCIOS	N/S
DOAÇÃO/ MOVIMENTO	VT
VACINAS	LINK
BRASILEIROS/ EXTERIOR	VT
CHAMA RIO	LINK
PANDEMIA RJ	VT
PASSAGEM DE BLOCO	VIVO
BREAK	--
GIRO CORONA RS	VT
TRANSPORTE PÚBLICO	LINK
CULTURA CORONA POA	VT
DUPLA GRENAL	LINK
ENCERRA	VIVO

Fonte: (Autores, 2020)

A exibição ao vivo do telejornal *ESPM no AR* seguiu o novo padrão tecnológico e social de distanciamento utilizando o *software* vMix. O telejornal foi todo feito remotamente

com cada um dos envolvidos em sua casa: diretor de TV, operador de áudio, operados de GCs, alunos e professor. Os apresentadores estavam em seus quartos e fizeram do local o cenário, a escolha foi debatida em aula e acreditou-se que daria credibilidade e veracidade ao produto universitário.



Fig. 01: Apresentadores de São Paulo e Rio de Janeiro. Fonte: Reprodução *YouTube*, 2020

Neste cenário, os alunos chamaram as reportagens, notas e os aos vivos feitos também na casa de cada um dos repórteres. Aqui a lógica do distanciamento foi destacada na escalada do telejornal e pontuada em todo produto.



Fig. 02: Apresentadora de Porto Alegre. Fonte: Reprodução *YouTube*, 2020

Diante deste novo contexto, a disciplina separou o fazer jornalístico em dois grandes momentos: o primeiro foi na realização das reportagens em que os alunos foram divididos em trios (pauteiro, repórter e editor) e em um segundo momento ao qual os

estudantes foram distribuídos nas funções do telejornal como apresentadores, editor-chefe e assistente, editor de redes sociais, repórteres, colunistas e editores de texto. O aluno praticou de forma imersiva o telejornalismo realizando reportagens no Estado de São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

No caso específico da unidade da ESPM de Porto Alegre, como exemplo, destaca-se que um dos conteúdos foi uma reportagem conjunta realizada por oito alunos, sendo que sete deles estavam no interior, contemplando quatro diferentes regiões do estado. Com a pandemia parte da turma de *Produção Audiovisual em Jornalismo I*, disciplina participante do projeto do telejornal em rede, retornou a sua cidade de origem e de lá apurou e gravou informações sobre os impactos do distanciamento social e a doença. Utilizando o celular, alguns optaram por gravar em formato *vídeo-selfie* (segurando o próprio aparelho na horizontal) e fizeram de suas janelas, sacadas e varandas os cenários para a gravação das passagens. A sequência desse material, com cada estudante chamando o colega, conforme organização prévia, trouxe elementos como dinamicidade, instantaneidade e mobilidade à produção jornalística audiovisual. Percebe-se que o engajamento dos estudantes para a participação no telejornal superou as expectativas. Os prazos de entrega de sugestão de pauta, VT e notas simples foram cumpridos. Houve interesse coletivo em contribuir com material jornalístico, além da disponibilidade de duas alunas em desempenhar as funções de apresentador e repórter, fazendo entrada ao vivo no *ESPM no Ar*. No caso do Rio de Janeiro, um aluno produziu a reportagem sobre o isolamento social e ele entrou ao vivo. Já os alunos de São Paulo realizaram três reportagens: educação à distância para o fundamental 1, doações na pandemia e brasileiros que moram no exterior. Além disso, uma aluna realizou a apresentação e outras duas estudantes entraram ao vivo no *link* utilizando os computadores de casa.

A decupagem foi realizada pelos alunos e enviada ao professor. A montagem das reportagens foi executada pelos alunos no programa Adobe Premier ou Premier Rush ou Movie Maker, dependendo do grau de conhecimento, tecnologia e afinidade. A edição feita pelo aluno proporcionou autonomia e uma tomada de consciência da gramática da montagem da notícia, também, proporcionou agilidade, pois a partir deste momento o aluno estava livre para editar a hora que desejasse. Outro fator importante foi a polivalência, ou seja, fazer mais de uma função na construção de uma notícia audiovisual amplia e potencializa o aprendizado. Antes, o aluno agendava um horário na ilha de edição ao lado do editor de imagem que realizava o trabalho de dar sentido à reportagem,

agora, todo o processo é feito pelo aluno. O novo padrão tecnológico parece ter rompido a lógica: antes a ilha de edição reservada tinha um horário pré-estabelecido, agora o aluno edita em casa e aos poucos vai apurando o olhar de editor. Neste processo de produzirem e editarem as suas próprias matérias, os alunos apreenderam o fazer jornalístico em rede alternando suas telas de edição de texto e vídeo com consultas à sites e aos colegas, um ajudando o outro na construção desta narrativa. A etapa da pós-produção, ou seja, a finalização da matéria onde são feitos os controles de áudio e do vídeo, colocação de créditos e efeitos, ficou a cargo dos editores, funcionários.

O fechamento feito em rede também permitiu que os alunos acompanhassem o andamento de todas as matérias de seus pares, além de poder opinar quando o material estava pronto antes mesmo da avaliação final feita em aula. Desta forma, a rede colaborou para que, o trabalho que antes era feito em uma linha de produção, fosse um produto feito por todos os alunos em rede.

Outro aspecto relevante foi a mudança de *status* da audiência, que não pode ser vista mais como sinônimo de passividade vivida na televisão, mas, também, como um conceito que está em trânsito. Segundo Guillermo Gomez Orozco (2014), vivemos condições comunicacionais diversas e vamos deixar de ser reconhecidos “nos processos de recepção anônima e massiva, caracterizados por uma atividade muito escassa, para começar a ser reconhecidos por um estar e ser ativos, cada vez mais criativos, conectados na produção e emissão comunicacionais” (2014, p. 134). Esta mudança de *status* pode ser percebida na produção do telejornal universitário diante da participação dos entrevistados na realização das imagens para as reportagens, assim dividindo a autoria na produção com os alunos, como também na participação do chat no Instagram e Facebook, redes sociais onde o telejornal foi exibido. Os apresentadores leram os comentários, perguntas e sugestões dos internautas. Foi uma alternância das “audiências-receptivas para as audiências-usuários, produtoras e emissoras e eventualmente interlocutoras e participativas. Já que a interatividade, que permite as novas telas, transcende a mera interação simbólica com elas” (2014, p. 135). Neste caso o acesso tecnológico, instrumental e cultural da construção da narrativa por meio da imagem e a participação efetiva da audiência no universo da internet deu a eles as ferramentas necessárias para participar do programa como produtores e espectadores. Procura-se evidenciar abaixo um quadro que sintetize as principais mudanças na rotina produtiva do telejornal universitário.

Quadro 2 – Principais diferenciais na rotina produtiva do *ESPM no Ar*

Atividade / Estrutura	Antes da pandemia (presencial)	Durante a pandemia (remoto)
Cenário	Estúdio	Quarto / sala
Teleprompter	Utilizado no estúdio	Tela do <i>notebook</i> como apoio ao texto falado pelo apresentador
Entrevistas / sonoras	Realizadas de forma presencial	Realizadas através de <i>software</i> de videoconferência
Captação de imagens	Equipamento profissional / Aparelho celular	Aparelho celular / Conteúdo gerado pela fonte (coautoria)
Edição / decupagem	Realizada nos laboratórios / ilhas de edição	Realizada pelo computador em casa
Fechamento do programa	Assíncrono (apenas os alunos e professor presentes naquele momento no laboratório/estúdio)	Síncrono (acompanhado em tempo real, através de sistema de compartilhamento de dados, pelos alunos e professores das unidades da ESPM)
Aprovação de texto do VT	Síncrono (processo desenvolvido durante a aula pelo professor ao lado do aluno)	Assíncrono (envio do texto por e-mail ou aplicativo de conversa do aluno ao professor e posterior devolução com <i>feedback</i>) Síncrono (correção feita <i>on-line</i> pelo professor em conjunto com os alunos ao mesmo tempo -via drive e zoom simultaneamente- para fechamento da reportagem e de todo o telejornal).
Gravação de Off	Cabine de locução	Em casa

Fonte: (Autores, 2020)

As mudanças de rotina acadêmica e simulações mercadológicas apresentadas neste artigo e que, momentaneamente, podem soar como artesanais ou peculiares, relevam transformações no processo de ensino-aprendizagem ainda por serem mais bem compreendidas na linha do tempo. A alteração de espaço (sala de aula) e o distanciamento social (contato remoto) romperam paradigmas, principalmente, em disciplinas laboratoriais. Percebe-se e defende-se a importância do local/presencial, como tempo-espaço da construção do saber em condições ideais (estúdio/laboratório). Mas, também, evidencia-se que o esforço síncrono da atividade remota exigiu por parte do professor a necessidade do reforço do vínculo com a turma e da adaptação de métricas do acompanhamento do desenvolvimento do aluno. E, do outro lado da tela, exigiu ao estudante lidar com frustrações pelas limitações físicas e tecnológicas, exercitar a

criatividade e autonomia, além de compreender a importância da dimensão visual para a construção de narrativas televisivas.

Considerações finais

O telejornal *ESPM no Ar* se mostrou um reflexo do contexto pandêmico. A distância de alunos, professores, técnicos e o próprio espaço físico da faculdade não impediu a realização do telejornal laboratório universitário. Pelo contrário, ele é resultado de um cenário histórico sociocultural de intensas mudanças, ele um exemplo da comunicação midiaticizada que diante de um desafio comunicativo criou brechas para poder ensinar os alunos a realizarem telejornalismo. Ou seja, o novo padrão tecnológico não só possibilitou a execução de um telejornal, mas rompeu com o esquema linear de produção e edição das reportagens. A inclusão de imagens não feitas pelos alunos, e sim pelos entrevistados, abriu uma nova maneira de narrar a notícia, incluiu uma outra sensibilidade associada a informação. A mesma lógica não linear e de colaboração entre os alunos inferiu também na produção não só das reportagens, mas na criação do telejornal. As escolhas de cenários e temáticas foram verbalizadas no telejornal diante do momento de pandemia e inauguraram uma outra forma de narrar o mundo histórico.

Outro fator relevante foi o protagonismo do aluno. Dicotomicamente ao momento pandêmico, as disciplinas que envolvem o audiovisual deveriam ter sido suspensas pela impossibilidade de realizar aulas e atividades eminentemente presenciais e práticas de dependem da entrevista, coleta de imagens reais e da contextualização do momento histórico. Mas o que vivemos foi uma superação, os alunos foram alçados a protagonistas deste momento e assim aprenderam fazendo, se tornando sujeitos do processo como preconiza as metodologias ativas diante do desafio da aprendizagem baseada em projetos. Uma centralidade alcançada à distância na perspectiva do contato com colegas e professores e próxima, na medida em que aplicativos e *softwares* quebram barreiras de tempo-espaço no processo comunicacional. Paradoxalmente, estando em casa, os estudantes tiveram de sair da zona de conforto. Ou seja, das condições ideais de produção dos estúdios da faculdade, e se deparar com as imprevisibilidades da rotina jornalística para a criação de conteúdo remoto. No ambiente de casa, eles superaram adversidades como condições técnicas e socioemocionais. Assim, observa-se, também, que alunos com maior grau de timidez puderam, nesse contexto, encontrar condições para se expor diante do vídeo e interagir mais com o professor – possivelmente um efeito

improvável no cenário da aula presencial.

Acredita-se que estes alunos depois de formados, ao saírem para o mercado de trabalho, possam colaborar no enfrentamento de desafios profissionais com polivalência e habilidades multitarefas. A experiência inusitada os colocou diante de uma situação real, que foi vivida por nós na academia e pelo mercado de trabalho, simultaneamente.

Assim sendo, ressalta-se que, pedagogicamente, docentes e discentes tiveram de sair de zonas de conforto. O que, entre outros deslocamentos, permitiu a execução/exibição de um telejornal em rede, unindo as três unidades. Uma valorização improvável do protagonismo acadêmico em tempos normais. O caminho percorrido por todos os atores até aqui tende a ser mais importante do que propriamente o destino. Fato: as experiências vivenciadas abrem novas oportunidades para pensar o telejornalismo universitário.

Referências

BENDER, William. **Aprendizagem baseada em projetos**. Educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre, Penso: 2014.

BRASIL, Antonio; EMERIM, Cárilda. **Por um modelo de análise para os telejornais universitários**. In: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico metodológicos, Salvador, 2011. Disponível em: <https://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. 21ª ed. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FINGER, Cristiane. O telejornal em qualquer lugar: uma sondagem sobre a recepção de notícias nos dispositivos portáteis. **Anais Intercom**: Manaus, 2013. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0840-1.pdf> . Acesso em 10 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo, a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D.B. **Aprender a Aprender**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. **A explosão da dimensão comunicativa: implicações para uma cultura de participação das audiências**. In: ROCHA, Rose de Melo e

OROFINO, Maria Isabel R. (orgs.). **Comunicação, consumo e ação reflexiva – caminhos para a educação do futuro**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PICCININ, Fabiana. Edição na TV: olhares híbridos o tratamento da notícia. In: FELLIPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. (orgs.) **Edição de Imagens em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hacer um Clic. Hacia una sóciosemiótica de las interacciones digitales**. Barcelo: Gedisa, 2004.

Submissão: 14 nov. 2020

Aceite: 04 dez. 2020